

PROPOSTA DE RESOLUÇÃO DE POLÍTICA INTERNACIONAL

A LUTA CONTRA A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL E A EXTREMA DIREITA

1. O Brasil e o mundo vivem um intenso processo de mudanças impulsionado pela aceleração das transformações do sistema capitalista e sua crise estrutural. Se este processo já era intenso nas funções industriais, neste caso também impulsionado pela ascensão da Ásia e em particular da China como a grande plataforma industrial do planeta, e pelo desmonte da frágil e embrionária política industrial de países subdesenvolvidos como o Brasil, agora chegou com força ao setor de serviços.

2. Lutamos contra um sistema com maior centralização e concentração do capital, em seu estágio de financeirização e dominado pelo modelo de digitalização.. Nos deparamos não só com a redução de direitos dos trabalhadores, mas também com o aumento da exploração de recursos naturais. Iniciativas como o Starlink e SpaceX de Elon Musk buscam o potencial energético das grandes reservas e florestas tropicais para fomentar sua disputa por cadeias de valor.

3. Em 2023, a quebra do banco Lehman Brothers completa quinze anos. É uma década e meia da maior crise do capitalismo desde a crash da bolsa de Nova York em 1929. Desde então, vimos a ampliação da resistência popular, dos conflitos – ainda que boa parte desses processos de lutas tenham sido derrotados ou desviados – e por outro lado, a ascensão de forças políticas de extrema direita e o declínio das tradicionais forças social-liberais em muitos países.

4. Há um fio condutor entre as revoltas no mundo árabe do início da década passada, as jornadas de junho de 2013 no Brasil, o movimento dos “indignados” na Espanha, os levantes estudantis no México e Estados Unidos, os movimentos de contestação à ordem na Colômbia e Equador, o levante feminista na Argentina, os coletes amarelos na França e a explosão social de 2019 no Chile.

5. Estes processos de resistência têm por característica a heterogeneidade e ausência de lideranças claras, o questionamento aos limites do neoliberalismo e da democracia liberal, bem como a permanente disputa de hegemonia entre a esquerda e a extrema direita. Na prática, mesmo com um aumento significativo da exploração e opressão sobre a maioria dos povos, o que está em jogo é o ciclo político que se iniciou após a crise de 2008 e cujo destino ainda é incerto. Diante dos efeitos da pandemia da Covid-19, com 15 milhões de mortos em todo o mundo, as crises se intensificam.

6. Há mais desigualdade, violência, caos e aumento da tensão entre os países, com a disputa principal se manifestando entre os blocos formados pelos EUA e seus aliados, contra a China e seus aliados, trazendo grande instabilidade ao mundo. Isto põe em questão a necessidade de uma nova ordem mundial, que venha pela força da mobilização dos povos por

outra sociedade e um modelo igualitário, distributivista, democrático e com uma perspectiva socialista.

7. Os conflitos aumentam em todo o globo. Conflitos armados assolam os países africanos Níger, Burkina Faso e Mali. O governo autoritário de Narendra Modi na Índia promove verdadeiros massacres e Myanmar sofre com a guerra civil e limpeza étnica pelos militares. A guerra do Iêmen, pouco evidenciada, já levou mais de 20 milhões de pessoas à fome, numa das piores situações humanitárias do mundo.

8. No plano geopolítico, a Guerra da Ucrânia é o grande evento que marca o aumento das tensões no cenário internacional. Uma agressão que atesta o caráter autoritário do governo de Putin, mas que tem em contrapartida a ação provocadora da OTAN, que estende seu cerco ao Oriente com crescente ajuda militar ao regime reacionário de Zelensky. A principal tarefa dos socialistas no plano internacional é a luta pela paz, como tem defendido em algumas ocasiões o próprio presidente Lula, sem esperar que essa paz venha pelas mãos da OTAN.

9. Outra prioridade deve ser a denúncia e o combate aos efeitos da crise climática. A ONU informa a previsão de aumento da temperatura média com consequências devastadoras: desertificação, fome, doenças, dezenas de milhões de refugiados climáticos e eventos climáticos mais extremos. As saídas formuladas pelas potências internacionais em encontros multilaterais como as COPs são insuficientes, porque não apresenta respostas capazes de garantir uma transição justa que inclua as maiorias.

10. Na verdade, o discurso hegemônico sobre as mudanças climáticas e as soluções propostas pelo capitalismo verde só ampliam o problema. O que o sistema propõe não é um freio ético, mas um ponto de retorno do projeto do capitalismo moderno; aposta que o mercado poderá encontrar soluções que possibilitem ter na preservação uma fonte de riqueza maior que a destruição, escondendo que isso passa pela ampliação da financeirização da natureza, o fortalecimento do agronegócio como monocultura e uma transição que inclua apenas uma minoria.

11. No plano político, o principal elemento da conjuntura internacional é a existência de uma divisão entre as forças hegemônicas que permitiu o crescimento da extrema direita, incluindo setores diretamente fascistas, como uma força social e política com peso de massas. Este não é um fenômeno passageiro porque se apoia na busca por ampliar a todo custo a superexploração do trabalho e das riquezas naturais, mesmo que isso exija a produção de golpes, mortes e destruição da já frágil democracia liberal.

12. Nas Américas, Trump e Bolsonaro são as maiores expressões disso, crescendo no desespero da classe média e na frustração de parte da classe trabalhadora desolada e excluída após a onda de reestruturação neoliberal, de perda de direitos e de ausência do Estado. A superação da extrema direita como alternativa depende principalmente da luta de massas. Basta ver que outras figuras ultrarreacionárias seguem crescendo em escala mundial, inclusive na América Latina (com Milei na Argentina). A extrema direita tem raízes

internacionais e nós precisamos organizar a resistência a nível internacional e fortalecendo espaços de diálogo.

13. Apesar do crescimento alarmante da extrema direita e da crise do capitalismo, trabalhadores, trabalhadoras e setores oprimidos da população respondem com mobilizações por todo o mundo. Nos EUA, a luta sindical mostrou sua força por meio da greve de funcionários do ramo de produção de empresas como Amazon, UPS, Starbucks e das montadoras de automóveis. No Irã, mulheres lutam por mais liberdade e pela derrubada do estado teocrático. A luta pela garantia dos direitos reprodutivos e pelo aborto legal, seguro e gratuito é ponta de lança do movimento de mulheres em diversos países. Povos indígenas e a juventude comparecem em grandes mobilizações em defesa da natureza e alertando para a emergência climática.

14. Na América Latina, a nova onda de eleições de governos de esquerda e centro-esquerda na América Latina devem ser celebradas. Abre-se a possibilidade de uma agenda que supere os limites do progressismo da chamada “primeira onda rosa”. Mas é fundamental superar os erros do passado recente. Experiências como as da Frente Ampla, no Chile, e do Pacto Histórico, na Colômbia colocam na ordem do dia uma plataforma de enfrentamento à extrema direita, à crise climática, pelo avanço do feminismo e dos direitos humanos. Mesmo com limites, esses projetos podem trazer novidades importantes. No entanto, sem buscar apoio em mobilizações, frentes sociais mais amplas, trabalho de base, mesmo experiências inovadoras podem alimentar frustração, recolocando o perigo de retomada eleitoral da extrema direita na região.

15. Num cenário em que a extrema direita, depois de décadas de existência política marginal, volta a ter protagonismo e a vencer eleições, não podemos baixar a guarda. Este fenômeno não seria possível sem que milhões de trabalhadores se sentissem mobilizados pelas ideias radicais do neofascismo, sua retórica antissistema e a disseminação de ódio aos “culpados da vez”. Estes setores ultrarreacionários buscam destruir os mínimos direitos sociais e democráticos da maioria dos povos.

1. O 8º Congresso do PSOL reafirma, portanto, os seguintes compromissos em sua agenda internacional:

- Denúncia das agressões militares imperialistas, defesa da paz justa e soberana com o respeito à autonomia dos povos e à integridade territorial das nações;
- Defesa de uma paz justa para a guerra entre Rússia e Ucrânia, sem anexações e sem sanções;
- Combate às saídas das potências estrangeiras para a crise climática: por uma transição justa que inclua as maiorias, proteja a natureza e os modos tradicionais de vida;

- Defesa da integração latino-americana, com apoio a todas as iniciativas dos governos populares da região, e das organizações sociais, sindicais e políticas, que visem a ampliação dos direitos sociais e democráticos, a defesa das conquistas populares e a oposição a quaisquer interferências externas e golpes antidemocráticos;
- Defesa intransigente dos Direitos Humanos em qualquer parte do mundo;
- Apoio às iniciativas de integração entre partidos e movimentos socialistas que tenham como propósito atualizar a agenda das esquerdas em nível internacional, como a Internacional Progressista, a Rede Futuro e Internacional Feminista. O PSOL participará ativamente destes espaços, sempre a partir da defesa do seu programa e propostas definidas em seus fóruns partidários;
- Contra a presença de tropas brasileiras em missões da ONU que tenham como propósito legitimar processos de desestabilização política, intervenção contra a soberania territorial e violência contra o povo, como no Haiti;
- Apoio à luta pela autodeterminação do povo palestino, curdo, saharauí e demais nacionalidades que lutam por liberdade e contra o racismo;
- Participação nas campanhas de boicote às instituições que legitimam a ocupação e o apartheid israelense em Gaza e na Cisjordânia;
- Apoio à campanha pela liberdade de Julian Assange.

Por um mundo de socialismo e liberdade, viva a luta dos povos do mundo!

8º Congresso Nacional do PSOL
Brasília, 30 de setembro de 2023